A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO $20 — AFRICA $25 — ESTRANGEIRO $40

N.º 17 (107) — 8-7-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE **A COMUNA**
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO
CORR.: **APARTADO 17-PORTO**

Administrador:
José Rodrigues Reboredo

Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

OPORTUNISMO REVOLUCIONÁRIO

Poucos anos foram precisos para que a ilusão bolxevista se desvanecesse por completo. A perseguição e a prisão dos elementos avançados, dos «subversivos», que se seguiram ao golpe de Estado de outubro de 1917 e a implantação da «ditadura do proletariado» — que constitui um sugestivo contraste com a democracia burguesa do reformista Kerensky, já não teem, hoje, na Rússia, incitadores oficiais. ¿Para quê? A conquista do poder, considerada como finalidade duma série de subversões, de lutas civis e de metódicos estrangulamentos do espírito revolucionário do povo russo, deu aos comunistas autoritários a medida da sua «responsabilidade» histórica, e do seu papel como guardiões da ordem social...

O partido que hoje governa a Rússia, conquanto reconheça que, politicamente, foi necessário incitar o proletariado a tôdas as violências, e traçar um programa social capaz de satisfazer os mais intransigentes, afirma e afirma que já se concluiu o ciclo da revolução destrutiva. Agora é preciso reconstruir a economia russa, incorporando, na vida do povo, elementos de capacidade, e tomando da burguesia tudo aquilo que servir de material para edificar o regime do capitalismo de Estado. E como o partido comunista tem, nas suas mãos, o poder, a capitalização da Rússia não significa—afirmam petulantemente os estatólatras do comunismo—o regrêsso ao regime capitalista, com a sua lei de salários, com as suas misérias colectivas e com os seus horrores.

Na pretendida ortodoxia marxista dos bolxeviques,—ortodoxia elevada a dogma político para assegurar o domínio da minoria comunista, com ou sem o consentimento do proletariado,—encontra-se a base do seu triunfo sôbre o reformista Kerensky e demais elementos moderados. Mas, como os acontecimentos dos últimos anos revelaram o fundo reformista do bolxevismo—já que a «ditadura do proletariado» não passou duma «Conquista política»: a máscara que encobre o mais cruel absolutismo — explica-se fácilmente porque é que os chefes comunistas se esforçam por harmonizar as suas declarações revolucionárias com as realidades económicas que, dia-a-dia vão aceitando, afim de assegurar o seu predomínio sôbre o povo russo.

Leão Trotzky, generalíssimo do exército vermelho e incipiente economista, pretendendo justificar a retirada comunista no campo económico, apresenta razões políticas, de cultura e de capacidade, que impediram o rápido processo revolucionário da Rússia. Além disso, como a Rússia estava muito longe de ter a capacidade que Carlos Marx deu aos povos, de acôrdo com o seu materialismo histórico — desenvolvimento industrial e suficiência agrícola—não era possível chegar sem transição à sociedade comunista! ¿Compreendem, agora, porque é que os bolxevistas se esforçam para capitalizar a Rússia? O capitalismo, segundo Carlos Marx e os seus continuadores, é a condição necessária para levar a cabo, com êxito, uma revolução socialista.

Seria, pois, ocasião de preguntar aos comunistas de Estado porque extranho milagre foi possível a revolução russa, apesar de não existirem as condições económicas requeridas pelos materialistas históricos. Mas é, precisamente, êsse fenómeno o que serve de argumento aos bolxevistas para justificar as suas transgressões e apresentar planos económicos que desvirtuam as suas próprias conquistas políticas.

«A tarefa fundamental dum partido revolucionário, é a conquista do poder» — diz o generalíssimo Trotzky. Na Rússia, enquanto se não atingir as condições económicas que o materialismo histórico definiu como necessárias para se operar a transição da sociedade burguesa para o regime comunista, o «partido revolucionário» deve usufruir o poder sob a base da ditadura. E, claro está, o proletariado deve deixar-se conduzir, permitindo a capitalização da Rússia e aceitando a sua escravidão, já que, assim, contribui, para realizar a «revolução económica, que é a ante-câmara da revolução socialista..»

Tôda a dialéctica marxista não é, porêm, capaz de destruir os factos. A conquista do poder foi a tarefa primordial do partido comunista russo. Mas essa conquista realizou-se, graças a um programa económico, já que ao proletariado russo não se ia oferecer a quimera duma revolução para depois que passasse a época do capitalismo. ¿Porque é que os bolxevistas, reduzindo a conquista revolucionária do proletariado à posse do poder — a ilusão da auto-ditadura—chegaram a erigir-se nos amos, nos donos absolutos da Rússia? A razão do êxito comunista encontra-se no seu autoritarismo e na facilidade com que se acomodam aos acontecimentos, tirando proveito das mais adversas realidades.

A ortodoxia marxista já foi esquecida pelos bolxevistas. Agora não há necessidade de incitar os trabalhadores à guerra de classes, nem de designar com o dedo os agentes da burguesia, introduzidos nos partidoe socialistas. E os chefes do partido comunista russo, em vez de excomungar aqueles que teem compromissos com os governos capitalistas, tratam mas é de se congraçar com a burguesia europeia, para conseguirem o concurso dela no sentido de reconstruirem económicamente a Rússia, e de entrar no concêrto dos Estados europeus.

O oportunismo comunista não se detem perante nenhum obstáculo. E, ainda que a política económica dos Sovietes siga caminhos contrários ao teologismo marxista e contradiga a suposta ditadura do proletariado, não faltam argumentos aos chefes bolxevistas para «demonstrar» que as suas transgressões estão perfeitamente enquadradas no materialismo histórico, e até que foram previstas por Marx e Engels.

Como se vê, a máscara do Marxismo serve para tudo. Se Marx soubesse, em vida, que havia de chegar a representar o triste papel dum Deus...

O Congresso anarquista internacional

Depois de ter apreciado convenientemente uma carta da União Anarquista Holandesa, o Comité de iniciativa da União Anarquista de França, declarou-se unanimemente partidário da convocação dum Congresso Internacional Anarquista, empregando os meios necessários para que, desta reunião dos libertários de todo o mundo, saia alguma coisa de útil e prático para a propaganda do ideal anarquista.

O Comité é de opinião que se deve fixar a data de 16 de Setembro do ano corrente para a realização do Congresso. E que, daqui até lá, tôdas as organizações podem elaborar os seus trabalhos, publicando-os em todos os órgãos libertários dos diferentes países.

A *ordem do dia* adoptada em princípio, é esta:

1.º — A organização internacional dos anarquistas;
2.º — A atitude dos anarquistas em face do sindicalismo;
3.º — Os anarquistas e a revolução;

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

4.º—A atitude dos anarquistas em face dos partidos políticos;

5.º—A questão agrária;

6.º—A língua internacional;

7.º—A livre experiência social. Violência, resistência anti-guerrista e a revolução;

8.º—Assuntos diversos.

O Comité pediu aos camaradas da Austria, proponentes do 7.º número, para que apresentem uma tese sôbre êste assunto.

Para clareza e interêsse dos debates, é preferível que cada União apresente uma tese sôbre um qualquer dos números da ordem do dia.

A Federação Anarquista da Alemanha apresentará uma tese sôbre *Os Anarquistas e os Sindicalistas.*

Os anarquistas russos foram designados para apresentar a tese — *Os Anarquistas e a Revolução.*

A Fedaração Anarquista Búlgara, ocupar-se há da *Questão Agrária.*

Os anarquistas espanhóis apresentam a sua opinião sôbre *A Organização dos Anarquistas.*

A tese—*A Língua internacional*—pode ser apresentada pelos camaradas que se interessem particularmente por êste assunto.

A União Anarquista da França, e os camaradas da Suíça, submeterão ao Congresso uma tese sôbre *A atitude dos anarquistas em frente dos partidos políticos.*

Nas *Questões diversas* podem apresentar-se ao Congresso as teses sôbre o antimilitarismo, a luta antirreligiosa, a situação criada aos anarquistas nos países onde a repressão é mais forte: Espanha, Itália, Rússia, etc.

Depois desta circular, será enviada às organizações uma lista dos diferentes grupos que deram a sua adesão ao Congresso, e a direcção dos secretários correspondentes.

Tôdas as adesões, iniciativas, etc., etc., devem ser dirigidas ao camarada Pierre Mualdes, *Librairie Sociale*, 9, Rue Louis Blanc, Paris (France).

A. U. A. Portuguesa, já enviou a sua adesão a êste Congresso, por ofício dimanado do seu Comité Nacional, tendo tambem a sua comparticipação nos trabalhos, já enviando o seu relatorio, já apresentando alvitres sobre as téses a discutír, etc.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta fálta de espaço, fica-nos de fora grande quantidade de original, entre êl e um artigo sôbre religião, do nosso camarada ATEU.

Que todos nos relevem esta falta.

O assassinato de Kurt Wilckens!

Aos trabalhadores do mundo inteiro! — Aos Sindicalistas revolucionários! — Aos anarquistas! — A's organizações operárias do Universo!

Em poucos países os elementos revolucionários teem empreendido uma propaganda tam intensa e tam constante contra a reacção internacional, como na Argentina. Qualquer país que dirija um apêlo à solidariedade internacional, pode ficar certo de que o operariado argentino corresponderá imediatamente a êle. A União Sindical Italiana, os revolucionários espanhóis, as vítimas do poder dos sóvietes russos, os camaradas do Chili, os mártires da tirania plutocrática dos Estados Unidos da América—todos êles sabem, por experiência própria, o que teem feito—e o que estão sempre dispostos a fazer — pelos seus irmãos do mundo inteiro, perseguidos pela reacção feroz que nos esmaga, os revolucionários da América do Sul.

Os camaradas da Argentína nunca distraíram a sua atenção do movimento revolucionário dos outros países, porque sabem, pelas suas próprias dores e pelas tragédias de que teem sido vítimas nas suas lutas proletarianas, o que suportam os seus irmãos do sofrimento.

Hoje, é do nosso dever, contribuirmos para a defesa dos nossos irmãos argentinos, com a mesma expontaneidade e com a mesma devoção com que êles teem contribuido em tôdas as horas e em tôdas as ocasiões.

Resumamos, pois, as origens dos últimos acontecimentos:

A tragédia da Patagónia

Entre as páginas mais negras da repressão governamental e capitalista da Argentina, é preciso citar os episódios da Patagónia — região meridional da Argentina. Os trabalhadores da Patagónia, explorados e tiranizados a um ponto verdadeiramente inconcebível, resolveram, em 1920, recorrer à gréve. Esta greve durou mais de um ano. Os proprietários ruráis e os grandes proprietários de fazendas, sofreram perdas e contrariedades enormes, mas recusaram-se a ceder às justas reclamações dos operários. O govêrno enviou-lhes numerosas fôrças militares, e alguns navios de guerra, para acabar com a greve pela fôrça das armas.

O resultado desta expedição militar foi a repressão brutal do movimento e o assassinato de 1.500 trabalhadores. O chefe das fôrças militares, o tenente-coronel Varela, distinguiu-se pela sua ferocidade, pela sua crueldade e pelas suas traições. Assim, muitas vezes prometeu aos grevistas que, se êles se submetessem à sua interferência, êle, tenente-coronel, liquidaria o conflito segundo os desejos dos proletários.

Sugestionados por esta promessa habilíssima, 600 operários que tinham ocupado a cidade de Paso Ibañez, entregaram as suas armas. E; dêstes 600 operários, só alguns é que puderam escapar à hecatombe... Seria longo e fastidioso enumerar, aqui, todos os detalhes da horripilante tragédia. Podemos imaginar o efeito que produziu o massacre da Patagónia no proletariado sul americano.

Kurt Wilckens vingou, na pessoa do tenente-coronel Varela, o assassinato de 1.500 trabalhadores.

A imprensa — tanto operária como burguesa—informou amplamente os seus leitores sôbre os acontecimentos do Sul. Por toda-a-parte havia a convicção de que os crimes da Patagónia não ficariam impunes. Era justamente por isso, que as fôrças policiáis do govêrno republicano da Argentina (no período do tzarismo mencionava-se, como glória nacional, possuir, a cidade de Buenos-Aires, uma polícia superior em número à de S. Petersburgo), reprimiam, cada vez com mais violência, as tentativas de demonstração pública, de indignação do proletariado solidário. Desde 1919 que, na Argentina, os anarquistas não podiam falar na praça pública. Mas, se a polícia tinha sido capaz de reprimir as justas explosões de indignação das massas proletárias, impedindo a convocação de *meetings*, de reuniões, de cortejos, — ela não pôde impedir que o braço vingador de Kurt Wilckens executasse, a 26 de janeiro do ano corrente, o assassino de 1.500 trabalhadores.

Wilckens foi uma nobre figura de revolucionário, cheio de abnegação e de espírito de sacrifício. Era alemão, e tinha emigrado, muito novo, para os Estados Unidos, em busca de trabalho. A sua actividade, neste país, é bem conhecida dos militantes da I. W. W., e sobretudo dos mineiros da Virgínia, de onde êle foi deportado em 1919. Pode-se julgar da pureza do acto de Wilckens pela atitude do velho jornal anarquista de Barcelona—*Tierra y Libertad* — que, combatendo o terrorismo, expôs, como modêlo de acto não terrorista mas profundamente humano, a morte do tenente-coronel Varela.

Como um só homem, os revolucionários da Argentina manifestaram a sua solidariedade a Wilckens. Não sem perigo, e desdenhando as atitudes da polícia, ergueram a sua voz nas praças públicas, protestando contra os crimes da reacção nacional e internacional. O govêrno viu-se forçado a ceder à vaga popular, consentindo na propaganda, dados os primeiros momentos de excitação geral. Mas a reacção preparava, na sombra, os seus planos sinistros.

Wilckens assassinado na prisão

No meio do mês de Junho um soldado da guarda da prisão, assassinou Kurt Wilckens na sua cela. Não sabemos a versão que o govêrno inventará para explicar êste acto selvagem; mas estamos convencidos, como o estão os nossos camaradas da Argentina, que foi a reacção patriótica que colocou nas mãos do assassino o instrumento da covardíssima vingança.

A notícia do assassinato propagou-se, logo, em Buenos-Aires, e, depois em todo o país. E, apesár dos esforços empregados pelas autoridades no sentido de sustar os telegramas, essa infausta notícia correu com a velocidade do relâmpago. Imediatamente se declarou a greve geral, que foi um facto, horas depois. As classes privilegiadas foram tomadas do pânico. Organizaram-se manifestações expontâneas. Houve recontros sanguinolentos com a polícia e com os nacionalistas, do que resultaram mortos e feridos de ambos os lados. As sédes das associações operárias foram fechadas, presos muitos operários. A reacção sanguinária, que, até aqui, se tinha encurralado nuns certos limites, mostrou-se tal qual é: assassina e atrabiliária.

Faltam-nos, ainda, detalhes, sôbre a marcha dos acontecimentos. Mas, conhecendo nós o espírito do movimento revolucionário da América do Sul, especialmente da Argentina, é fácil adivinhar a gravidade do momento que os nossos irmãos atravessam nesta hora.

Que a voz poderosa dos trabalhadores de todos os países e das suas organizações ope-

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

rárias se faça ouvir, proclamando a sua solidariedade com o proletariado argentino, na sua hora suprema e de luta contra as fôrças unidas da reacção.

Sindicalistas, anarquistas, revolucionários do mundo inteiro! Cumpri com o vosso dever de **Solidariedade Internacional,** e tornai responsáveis os representantes oficiáis do govêrno criminoso da República Argentina, nos vossos países respectivos, pela vida dos nossos camaradas argentinos.

Organizai, por tôda-a-parte, comícios de protesto contra a reacção brutal e sanguinária que se exerce, neste momento, na Argentina. E enviái as vossas resoluções enérgicas aos cônsules e embaixadores do govêrno da república Argentina.

Guerra à reacção imunda!

Abaixo a tirania!

Viva a Solidariedade Internacional dos Trabalhadores!

O secretariado da A. I. T.

EM VALONGO

Os escravos do sub-solo

levantam-se e exigem o direito à vida : : : :

Valongo é uma importante vila entre montanhas e vastíssima em ricos jazigos de louza, que é a riqueza das Empresas exploradoras.

A contrastar com a importância da vila, quem por lá permaneça algumas horas que seja, é o bastante para observar o cortejo interminável dos andrajosos e famintos escravos do sub-solo, que, pelos caminhos poeirentos, se arrastam até se sepultarem em vida nos profundos poços daquele minério, onde permanecem 10 a 16 horas para auferir uma jorna, que, em média não vai alêm de 6$50.

Aquele laborioso enxame de escravos, que se compõe de homens, mulheres e crianças, num total aproximadamente de 1.500 criaturas, sem organização sindical e sem espírito combativo, num gesto comum e solidário, com uma união inquebrantável, levantou-se, na passada semana, contra a exploração das Emprezas, impondo o seu direito à vida, reclamando 50 % nos seus magros salários.

Até à hora em que escrevemos estas linhas, a solidariedade é a mais optimista possível, levando-nos a crêr que aqueles explorados sairão vencedores da sua empreendida luta, desde que mantenham a mesma atitude, pois a justiça pertence-lhe.

Coisas do mundo burguês...

Monumentos aos mortos na Guerra

E' a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. E' a guerra aquela tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as vilas, os castelos, as cidades e talvês em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras. E' a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades em que não há mal algum que, ou se não padeça, ou se não tema; nem bem que seja próprio e seguro.

. . . . . .

ANTÔNIO VIEIRA.

Duas leis contrárias andam em luta: uma lei de sangue e de morte... outra lei de paz, de trabalho e de salvação... Esta põe a vida humana acima de tôdas as vitórias; aquela sacrificaria centenas de milhar de existências à ambição dum só.

PASTEUR.

Nos meios patrióticos tem sido intensa a propaganda para a erecção de monumentos aos mortos na Guerra e tem-se gasto quantias enormes em manifestações bélicas, como a que fizeram ao soldado desconhecido. E' um dos meios de que os *guerreiros* se servem para entusiasmar as turbas ingénuas e levá-las assim atraz de si, para a defesa do que lhes pertence, conduzindo-as desta forma à prática dum fratricídio.

Recortamos dum jornal cá do burgo êstes pedacinos balôfos de qualquer concepção filosófica humanitária:

«Que é necessário construir em Coimbra um Monumento aos Mortos na Guerra, todos o sabem e a todos decerto cumpre pugnar por essa nobilíssima causa.»

«Nobilíssima causa»! essa de construír momumentos!... Só se «causa» é sinónimo de «arte».

...«e de mais para um fim tam justo e tam digno.»

«Um fim justo e digno» êsse de erguer padrões aos mortos na Guerra um hino de louvor a êsses milhões de fratricidas que morreram—e, aconselhar o crime, exaltar à chacina, preconisar o morticínio...

...«todos poderiam tornar viável o conseguimento nesta terra, da construção do Monumento aos nossos gloriosos patrícios, mortos nobremente no campo da Honra, pelo nome da Pátria Portuguesa.»

«Gloriósos patrícios»! Auréola-lhes a memória a glória de matar.

«Mortos nobremente»!... Efectivamente, a morte produzida por uma bala de qualquer calibre, por uma granada ou por qualquer outro objecto mortífero em cuja invenção a Humanidade é fertil — sim, a morte recebida no campo de batalha deve ser muito mais agradavel e mais nobre do que a morte dum mineiro soterrado, que a morte dum bombeiro na mais humana missão, que a morte sob um carro de bois, que o naufrágio do pescador que, para sustentar os filhinhos e a mulher, luta num esfôrço titânico com as ondas, no alto-mar.

Aquela morte é nobre, esta a plebeia.

«No campo da Honra»! Os patriótas chamam «campo da Honra», àquele vasto cemitério, teatro de sanguinolentas tragédias. Para eles a Honra é o Crime, é a Morte.

«Pelo nome da Pátria Portuguesa». Pátria — palavra com que os nossos oradores, os oradores da Pátria — os páis da dita — nos ensurdecem os ouvidos. «Pátria» em vez daquele significado inocente de terra natal, à qual andam ligadas saudosas recordações, é, na boca dos patriotas, aquele palavrão que magnetiza os homens desta Sociedade e os leva ao «campo da Honra» para a luta sangrenta..., etc.

E prossegue num arrazoado patriótico e criminoso, portanto.

A folha que insere o artigo de que extraímos estas linhas, é republicana. O seu autor é um militar — um homem, criatura da Natureza, bem diferente dos outros homens, pelos quáis sente um desconfiado e patriótico rancor; um homem que caminha, enfiado numa pele diferente da dos seus semelhantes — um farda manchada de sangue dos seus irmãos — ostentando ao lado uma espada pronta a desembainhar e ferir na primeira ocasião e à primeira voz; um ser que aconselha o assassínio, o crime e não sente relutância em praticá-lo também; um ente que considera «justo e digno» que se louvem assassinos; um animal racional que reconhece «nobre» a morte num campo de batalha, no campo do crime—a que êle chama «campo da Honra».

* * *

E' assim a moral patriótica — criminosa, despótica, deshumana — diametralmente oposta à moral socialista, à moral de Tolstoï, de Krapotkine, duma mais elevada concepção, que idealiza e deseja um mundo melhor, uma sociedade alicerçada no Amor Fraternal e que viverá na Igualdade sob o sol luminoso e brando da Liberdade.

PEDRO DAS NEVES.

ANTOLOGIA

Ricos, operários e govêrnos

Os trabalhadores são escravizados pelo govêrno e pelos ricos.

Mas, ¿quem são êsses homens que constituem o govêrno e as classes ricas? Sim. ¿quem são? ¿São hércules, cada um dos quais, possui a fôrça suficiente para vencer centenas e milhares de trabalhadores?

¿Serão, por acaso, muito numerosos? E os pobres, ¿serão uma infima minoria? Ou por outra, ¿os ricos e os governantes são as únicas criaturas que produzem tudo o que é necessário à vida?

Nem uma, nem outra coisa: êsses homens não são hércules; muito ao contrário — são sêres degenerados, impotentes.

Também não são numerosos: os operários são, milhares de vezes, mais numerosos que êles. E tudo o que é necessário à vida não é produzido pelos ricos nem pelos governos: são os proletários quem produz isso tudo. Porque os ricos e os governantes não sabem fazer nada — comem e devoram, apenas, o produto do trabalho do operariado.

Então, ¿porque é que êsse pequeno número de homens débeis, que não sabe nem quere fazer nada, domina e impõe-se a tantos milhões de trabalhadores?...

LEÃO TOLSTOI.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

SENTIMENTO DE ESPÔSA...

SCENA I

Amélia

A vida, assim, não tem nenhuma distracção:
Trabalho imensamente, e morro de paixão,
Ao ver o meu marido esbanjar na taberna
Aquilo que é preciso à nossa vida interna...

(Atando as mãos na cabeça)

¿Que fazer?... ¿Que fazer?... Não sei! E' tristo, é duro?
Sinto em meu peito a voz horrível do futuro,
Confundir, inclemente, a paz do nosso lar...
Ah! Quantas noites passo a chorar... a chorar...
E afinal, ¿para quê?... Sim... ¿Para que lamento
O meu viver?... A dôr que sinto ainda é pouca:
Eu cedi ao amor, cedi ao sentimento,
E cedi à paixão!... Pobre de mim! Que louca!...
Pensemos um instante: ¿o que é a afinidade,
O amor que me atraiu? Uma realidade?
Um sonho? Um bem estar? Talvez uma ventura?
Ou — mais exacto — ¿não seria uma loucura?

(Concentrada, quase a chorar e apontando para o quintal)

Os filhos que ali estão, carecem da alegria
Que eu tive outrora, quando em casa de meus páis
Saltava alegremente em volta dos trigáis
Desde o nascer do Sol até acabar o dia...
E porquê?... Oh! não vale a pena pensar nisso!
Tenho a cabeça em fogo! O maldito serviço,
Obriga-me à prisão! à vida malfadada!
Sou vítima do amor! sou muito desgraçada...

(Ouvem-se passos e vozes. Amélia fica perplexa. Por fim dirige-se á mesa e começa a engomar uma camisa)

SCENA II

Martinho *(fora da scena)*

Por aqui, meu rapaz... que vamos muito bem,
Sem riscos de encontrar a tua pobre mãe...
De resto é sempre em frente, e sempre bom caminho

(Tosse desesperadamente)

E para terminar, eu vou pedir mais vinho!

Amélia *(aflita)*

Ele aí vem! Ele aí vem!...

(Fica absorta em pensamentos trágicos. Sái dêsse torpor ao ouvir o relógio bater nove horas)

Nove horas da manhã!

Martinho *(assomando á porta)*

Bons dias, minha flor, tam linda, de romã.
Eu sei que venho tarde... E tú não faças caso...

(Tosse com desespero. Amélia pousa o ferro de engomar, atravessa a scena e faz menção de entrar na porta da E. B. Martinho arrisca dois passos, mas detem-se, olhando para a espôsa)

Foges de mim? Tem graça?! Eu venho embriagado?
Vá, dize, desembucha...

Amélia

E's muito desgraçado!

Martinho *(cheio de autoridade)*

Máu, máu, que temos festa, e vai já tudo raso...

(Senta-se numa cadeira; mas, reparando em Luís que se encostou ao umbral da porta para não caír, volta-se para êle)

Anda cá, meu Luís. ¿Não vês minha mulher
Olhando para nós, altiva, e nem sequer,
Repara que sou rei, aqui, no pardieiro?
Já agora quer que eu faça um papel de sendeiro
Abandonando tudo aquilo que distrái
Um homem que trabalha:

(Tosse; depois vómitos secos)

As cartas, a aguardente...

Luís *(agarrado a um páu e mal se sustendo nas pernas)*

¿Que queres? Deixa correr: a fêmea não é gente.

Martinho

Olha que dizes bem...

(Voltando-se, ameaçador, para Amélia)

Lá vais gritar p'lo pái!

(Pretende levantar-se, mas não pode andar. Senta-se, desesperado)

Amélia *(suplicante e adiantando-se um pouco)*

¿Que mal te fiz, Martinho?, — ó meu querido amor!
¿Eu já ralhei contigo, ou já te fiz supor
Que era uma espôsa má, uma mulher madraça
Que se encosta à janela, a sorrir p'ra quem passa?

(Neste meio tempo, Luís, apoiado num páu, consegue arrastar-se até ao sítio onde está uma cadeira, e senta-se para ouvir melhor)

Não. Vês-me a trabalhar com quanta fôrça tenho
P'ra que não falte nada, em casa, aos nossos filhos
A ti e a mim... Eis todo o meu maior empenho.
E tú? Sempre lá fora a armar «grandes sarilhos»,
Na taberna, no alcoice, em sítios de má fama:
Um dia ficarás entrevado na cama...
Martinho! Pensa mais na vida familiar.
Vem cedo para casa. Aqui has-de encontrar,
Nos filhos e na espôsa, a melhor distracção...
Andar sempre na «borga», é baixa condição
De todos os servis que não teem rendimentos:
P'ra conseguir dinheiro aviltam sentimentos
Servindo de capacho a todos os senhores...
Deixa, Martinho, a fúria insulsa dos amores
Que estragam a saúde...

Martinho *(rápido)*

(Voltando-se para Luís)

E basta, já te disse.
Mas que figura a minha, ó Luís, se alguêm ouvisse.
A longa exposição... da minha... bem... amada
Pois inda hoje lhe môio o corpo com pancada... *(Ri)*

Luís *(limpando a espuma dos lábios)*

Não deves fazer isso. A mulher tem direitos
Embora os seus pensar's, um bocadinho estreitos,
Residam na beleza, arteira, do falar...
A mulher é um Deus... Até pode enganar,
Os anjos, o Diabo, a própria humanidade...
E' por isso que tomo alguma liberdade
— E se não vês em mim a sombra atroz da inveja —
P'ra te dizer...

(Tosse, e vómitos secos)

Vai pô-la à porta duma igreja...
A «lábia» que ela tem, é prova ultrassegura,
De que vái arranjar dinheiro com fartura...

Martinho

Aprovo, meu Luís, o teu alto conselho.
Na regra do pedir — como dizia o velho —
Não há nenhum perigo, o não se faz despeza;
E todos dão esmola, ao ver certa beleza
Na fêmea que distrái a hora aborrecida...

(Esfrega as mãos de contentamento)

Agora, sim; agora é que eu encaro a vida...
Venha dinheiro, venha! O resto, ninharias
Que só nos podem dar as tais sensaborias

(Voltando-se para Amélia, que treme de indignação)

Já sabes, ó menina: adquires uns andrajos,
E tratas de extorquir a todos êsses «gajos»
A massa que puder's. Carácter não dá nada:
A gente de dinheiro, é gente sempre honrada...

Amélia *(colérica)*

Que pavor! Que pavor!... Malditos borrachões!
Eu não os quero ouvir! Prefiro as solidões,
Do deserto ou da morte!
A vossa bebedeira,
E' mais do que loucura — é fruto duma asneira...
Escabujái na lama, ó tôrpes criaturas
Enquanto o meu pensar esvoaça nas alturas
Do sonho e da inocência...

. . . . . .

(Dum Drama, em preparação)

A. ALVES PEREIRA.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

MOSCOU OU BERLIM?

A todos os militantes e não militantes da organização operária; a todos os leitores de A COMUNA, anarquistas ou não anarquistas

Ora, os bolxevistas, são simplesmente marxistas, honrada e consequentemente marxistas contra o parecer dos seus amos e modelos — os Guesde, os Plekanoff, os Hyndemann, os Schiedemann, os Noske, etc. Nós respeitamos a sua sinceridade, admiramos a sua energia; mas, como nunca estivemos de acôrdo com êles no campo da teoria, também, actualmente, não nos podemos solidarizar com êles, que passaram da teoria à prática.

Na verdade, trata-se da ditadura dum partido, pois a ditadura tem os seus decretos, as suas penalidades, os seus agentes encarregados de as executar, e, sobretudo, tem a sua fôrça armada que hoje serve também para defender a revolução dos ataques dos seus inimigos externos, mas que, amanhã, ha-de servir para impôr aos que trabalham, a vontade dos ditadores, deter a marcha da revolução, consolidar os novos interêsses que se estão a criar e defender, contra as massas, uma nova classe privilegiada.

. . . . . .

Mas nós, que somos anarquistas, devemos ficar anarquistas, e agir como anarquistas antes, durante e depois da revolução.

ERRICO MALATESTA.

No já imorredouro manifesto moscovita que foi distribuido a *todos* os militantes portugueses, os 21 *evolutivos* partidários da I. S. V., banhando-se na revisão tardia das suas concepções anarco-sindicalistas de outrora e cobertos com a malha da mutabilidade de princípios revolucionários, antigamente não reconhecida pelo *lorpa puritanismo,* aludem, todos anchos, à falência das *teorias* e *tácticas* libertárias que os acontecimentos guerristas tiveram o condão de demonstrar o quanto elas *se encontravam afastadas da realidade da vida...*

Tudo falhou; e todavia, se aquelas teorias e tácticas fôssem, antes da guerra, buriladas na *cêra* das «concepções que hoje consubstanciam a Rússia *soviética*» e «estivessem na ordem do dia», outro galo cantaria à Europa ocidental:—o modêlo da *tcheka* seria copiado no *Kodak* das imitações da segurança e a hecatombe morticínica, provocada pela ambição conquistadora do capitalismo e consentida pela estupidês dos povos, que retalhou e embebeu de tanto sangue os vastos campos da Europa, jámais teria a funérea *realidade* que atingiu durante os seus cruentos anos de eclosão. E a revolução social, que as *teorias* e as *tácticas* que os partidos comunistas franceses, espanhóis, portugueses, etc., ainda não conseguiram hoje fazer, seria levada a cabo por um simples golpe de Estado napoleónico, mesmo pigmeu,—escacando o argumento pesado das perseguições brutais da burguesia militar e governamental; destruindo o açaimo da censura feroz imposta à liberdade da imprensa amordaçada; neutralizando a cuidadosa detenção de centenas de anarquistas, sindicalistas e outros revolucionários sociais, que eram dispersos pelos calabouços e campos de concentração — como hoje se faz na Rússia comunista; incendiando os *carnets* B... da vigilância das *tchekas* burguesas que, à semelhança das *tchekas* bolxevistas, furiosamente invadiam os domicílios daqueles que não liam pela cartilha da *união sagrada*, como amanhã podem invadir, assaltar, aqueles conhecidos que não aceitam *uma frente única* imposta pelo papado vermelho; castigando a traição dos Hervés alemães, franceses e portugueses, mesmo incluindo o fogoso *bolxevista* que recentemente foi prosternar-se de joelhos na frente do papa romano... Os arautos que anunciaram a conflagração como sendo uma guerra de progresso, de civilização, de liberdade e antimilitarista, fugindo depois para a sua tôrre de marfim, seriam sequestrados e passados pelas baionetas dos exércitos vermelhos...

Infelizmente, apesar das «condições económicas estarem maduras para a Revolução», como o afirmou Zinovief em Halle, um dos heróis da repressão da Comuna de Paris russa (Cronstadt), embora essas condições, na opinião do autor do *Socialismo e Anarquismo*, não se mostrem ainda tam patentes que possam ser compreendidas por tôda a gente e possa, portanto, transmutar-se em actos, —essa revolução bolxevista, ditatorial, centralizadora, mecanista, burocráticamente disciplinada, não teve lugar: 1.º porque a «classe operária como tal considerada, se Augustin Hamon é alguêm neste mundo sociológico e psicologista, está hoje, como ontem, relativamente, muito enfranquecida para fazer uma revolução brusca; 2.º porque essa fraqueza provêm, «não do seu número, mas da sua falta de solidariedade de classe, do seu egoismo individualista, ininteligente e primitivo»...

Reconhecemos, como Lénine está sempre a reconhecer os seus êrros e a rectificar o tiro, a *falência* das nossas teorias e tácticas, que lamentamos o povo não as tivesse ainda aprofundado convenientemente, evitando a que, quando fizesse a sua revolução, fôsse ludibriado pela escamoteação de um partido político, abolxevizado ou não...

Mas, com um milhão de carochas!, os preopinantes que as 21 assinaturas representam não devem, como nós, admirar-se que as *tácticas* e *teorias* dos anarquistas, que teem a concepção nihilista da revolução, a pandestruição da sociedade, reduzida a cisco, pó e nada para màgicamente ser «substituida por outra duma perfeição absoluta» tivessem sossobrado na «esterilidade das fantasias«.

O que é para extranhar é que os práticos, os positivistas das realizações ditatoriais, autoritárias, os deuses, os heróis que não empregam «filosofias de extrema bondade» para vencerem as revoluções, mas sim as «armas contundentes e homicidas» manejadas por uma «organização disciplinada» e implacável como a *tcheka* — tenham adulterado as suas *teorias* e *tacticas*, dando assim um mau exemplo aos seus veneradores...

Lénine e seus apaniguados, que tam adorados são pelos 21 indivíduos que em tempos passados se enganaram, ou nos enganaram com as suas afirmações anti-marxistas e pró-bakuninistas, proclamaram que só fariam a paz sem indemnizações e desde que ficasse garantida a independência dos povos oprimidos e a abolição da diplomacia secreta. Todavia, nós sabemos que Lénine, contra a opinião de muitos comunistas e, a princípio, do próprio Trotski, que depois virou o bico ao prego por disciplina partidária, fez com o govêrno imperial alemão a paz de Brest-Litowski, pouco se preocupando com a liberdade do povo alemão e—o que é pior—com a Letónia, a Finlândia e a Ucrânia, a última das quais «estava repelindo entusiàsticamente e vitoriosamente os invasores alemães da Rússia meridional». E' que as teorias anteriores da independência dos povos e da abolição da diplomacia secreta *falharam,* sendo preciso mudar de tática para que, depois, a ratificação do tratado equivalesse ao «domínio absoluto e exclusivo do partido bolxevista sôbre o povo russo, e à supressão de todos os outros movimentos políticos».

E como o gesto de Brest-Litowski foi considerado como uma traição por muitos revolucionários; e como o maior protesto se manifestou no atentado de Mirbach, cuja presença do embaixador teutónico na Rèpública dos Soviets foi tida como um insulto e uma ameaça do imperialismo, como no-lo conta Emma Goldmann—as perseguições revoltantes da *tcheka* principiaram a iniciar-se sem piedade. A maior mártir, a propósito dêste caso, das atrocidades bolxevistas tem sido — e não sabemos se ainda ela é sobrevivente—Maria Espiridinova...

Os do 21 devem conhecer todas estas *belezas,* que não teem sido desmentidas!

Supunhâmos que entre nós uma revolução à russa foi feita para a destruição do capitalismo, para a conquista da liberdade, para a felicidade efectiva do povo português, do operariado lusitano... Supunhâmos ainda que o nosso partido comunista, com o pretexto de que o nosso Kerenski estava a transigir com a burguesia, com o capitalismo, deu o seu célebre golpe de Estado e se apoderou do poder, não querendo

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

saber, e muito bem, se o kerensquismo era impelido, pela fôrça das circunstâncias, a recuar. A revolução, em perigo, devia salvar-se, eis tudo. O bolxevismo, com os seus categorizados à frente, devia *deitar-lhe* a mão.

Mas, *malgré nous*, se copiassem fielmente as contradansas do govêrno russo, os Lénine, os Trotski, os Zinovief, Bucarines portugueses, e demais comparsaria, que *fizeram correr sangue e espalhar a morte, que feriram e mataram para servir a causa da liberaade e a humanidade, como o sábio cirurgião rasga e mutila um divino corpo de mulher para salvá-la, servindo a sciência e a humanidade* — assustavam-se com a operação e retrancavam, como em Moscóvia, os ímpetos dos que pretendem que a revolução avance, continue na sua vasta obra de renovação. E como havia recalcitrantes, vá de se prender, torturar e fuzilar, como em regime capitalista, todos os que não aceitassem o autocratismo, o centralismo democrático, a hierarquia fulminante do partido comunista e do Estado. Obediência completa, disciplina cega, automatismo absolutol...

E' então que, havendo o povo português adquirido a confiança *em si mesmo e nos seus leaders* leninicos, que para os 21 que geringonçam no *movimento de avanço e de recúo evolutivo* é o suficiente para a sociedade capitalista morrer, um dêsses principais *leaders*, o ditador mór de todas as Rússias e Sibérias portuguesas, muito declaradamente surgiria a dizer para os seus camaradas e amigos, imitando Lénine no terceiro congresso internacional comunista: *Foi o proletariado que menos aproveitou com a revolução. E' sempre a classe que faz a revolução, que sofre as maiores privações e as maiores contrariedades.*

E ao mesmo tempo que diria que o proletariado precisa fazer concessões a favor da aliança com os camponeses, a fim de consolidar a ditadura do govêrno sovietista a que chamam a *ditadura proletária*, afirmaria que a *situação económica torna igualmente necessário fazer concessões aos capitalistas*, para se *pagar um certo tributo por causa do estado de atrazo da nossa indústria*—conquanto momentos antes tivesse asseverado que a *revolução social na Rússia pôs fim ao domínio dos capitalistas e dos grandes proprietários...*

E por estas e por aquelas, num dos congressos dos sovietes, rir-se-ia dos seus camaradas por julgarem possível hoje o comunismo em Portugal a despeito da ilusão espalhada durante 4 anos... E traduzindo a opinião de Bucarine e de Lénine, afirmaria que «o terror é o modo com que se transforma a natureza humana capitalista em cidadão bolxevista; que a *liberdade é um principio burguês* («a ditadura do proletariado não pode permitir a ninguêm a liberdade e a democracia» — disse-o Lénine no 3.º congresso internacional comunista); que a liberdade de palavra e de imprensa é inútil e prejudicial; que o govêrno central é o único depositário da sabedoria, e êle ordenará tudo o que fôr necessário fazer», enfim: que «o único dever do cidadão é a obediência» e «a vontade do Estado soberana»; *teorias e tácticas* que Alexandre Berkmann, antigo amigo de Zinovief, diz ter sido seguidas pelos ditadores russos.

Então a idea dos sovietes, isto é: «a idea dos conselhos de operários e camponeses realizados pela primeira vez durante a revolução de 1905 e renovados em Março de 1917, imediatamente após a queda do regime tzarista», destinados a regular tôda a vida política, económica e social da Rússia, idea que devia trazer, «necessáriamente, outra idea de conselhos compostos de todos os que tomam parte activa na produção das riquezas nacionais pelo seu próprio esfôrço», seria também neste país substituida pela omnipotência duma burocracia ditatorial que, em comparação à anterior, faria com que esta representasse uma bagatela. Os Conselhos de Operários e Camponeses, tal qual a verdadeira idea os concebeu, perderiam todo o seu significado, «desde que um país fôsse governado pela ditadura de um partido; deixariam de ser «um bom e valioso conselheiro», porque se reprimiria a iniciativa individual, se combateria sistemáticamente o esfôrço individual. Ora é isto o que sucede na Rússia; é isto o que Pedro Krapotkine, a cujo nome o bolxevismo lhe dedicou uma rua em homenagem, já deixou claramente transparecido na sua histórica mensagem dirigida, por intermédio de Margaret Boudfield, ao operariado britânico.

Em conseqüência da centralização maquinal do poder moscovitista, os conselhos de armazens e de fábricas seriam substituidos pela direcção de um só homem-ditador em cada fábrica, em cada oficina, em cada atelier, caminho de ferro, etc. E' o tal sistema bolxevista denominado *yedinolitchije*... que os 21 pontos ordenam aos seus partidos internacionais aderentes...

Ora como se vê, só estas teorias e tacticas revolucionárias neo-marxistas estão, para os 21 futuros comissariocratizados, de pé no terreno movediço do recúo traiçoeiro... E como os anarquistas *lunáticos* e *cegos* a estas grandes verdades «continuam com a sua moral e aspiração máxima de liberdade», — não desprezam os seus primeiros amores», e simplesmente desejam, não o barracão exquisito da ditadura comunista-estatal, mas «o magnifico palácio, maravilha das maravilhas, a Anarquia», onde o «sol fecundante e belo» lhe bata mais em cheio. Para isso procuram edificá-lo e não parar-lhe as obras de construção...

Mas isto não vai a matar...

Solidariedade
Pró Nunes Canha

Transporte . .	302$00
Lisboa:	
J. Mota Amorim . . .	2$50
Ilio Pedro da Silva. .	1$00
Manuel F. Santos . .	2$40
Vale de Vargo:	
Fiel Baptista Machado	2$00
Vendas Novas;	
José Capote.	1$30
Pôrto:	
Abilio B. Guimarães .	1$50
G. Libertário os Isolados do Pôrto . . .	5$00
Manuel Soares Matos .	2$50
A transportar . .	320$20

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Encontra-se à venda na redacção de «A Comuna», êste interessante folheto de *Chueca*, edição do grupo «Humanidade Livre».

Preço $20; pelo correio $30.

EXCURSÃO Á POVOA DE VARZIM

NO DIA 29 DE JULHO

EM COMBOIO ESPECIAL

Promovida pela Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores

Devem os trabalhadores de todos os misteres afirmar a sua solidariedade a tão grande iniciativa, para que em breve tenha realização prática o objectivo da Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores.

Preço do bilhete (ida e volta) 4$00 Esc.

Ficam convidados todos os que se encarregaram da passagem de bilhetes, o fazerem a liquidação dos mesmos até ao dia 15 de Julho.

Vida Anarquista

Grupo de Propaganda Libertária—Pôrto

Efectuou êste grupo, no pretérito domingo 1 do corrente, o seu anunciado passeio familiar e de Propaganda, para um dos aprazíveis pontos de Rio Tinto.

Estabeleceu-se controvérsia entre os vários camaradas, versando-se alguns assuntos doutrinários e ideológicos, que vivamente interessaram.

Sentiu-se, pois, a necessidade da realização constante dêstes passeios, sobretudo para junto dos aglomerados populares das aldeias, subdividindo-se em pequenos grupos, que deverão promover a distribuição gratuita de folhas soltas e brochuras de propaganda. Haja energia e continuidade, e, os frutos da propaganda serão bem compensadores do esfôrço dispendido.

«Os intransigentes» — Setubal

Com esta denominação acaba de se constituir êste grupo que envidará os seus melhores esforços, no desenvolvimento, da propaganda Libertária.

Resolveu dar a sua adesão à «União Anarquista Portuguesa».

Saúda os revolucionários sociais de todo o mundo e os jornais «A Comuna» «O Despertar» e a «Batalha».

Tôda a correspondência deve ser dirigida para, Alvaro Simões. — Travessa dos Apóstolos, 5, 2.º—Setubal.

O sentido em que somos anarquistas
por Miguel Bacunine

E' uma oportuna e recomendável edição agora feita pela *Biblioteca de A Sementeira*.

Um exemplar, $30—Pelo correio $40.

Descontos aos revendedores e Grupos de Propaganda.

Pedidos a esta administração ou à *Biblioteca de A Sementeira* —Cais do Sodré, 88—Lisboa.

"O Libertário"

Comunicam-nos que deve saír no próximo dia 9 do corrente um novo periódico intitulado: «O Libertário» e dirigido por Joaquim Augusto Rocha.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Caleidoscópio

Á mesa do café!

Um dia dêstes, o redactor destas notas caleidoscópicas permitiu-se o luxo de entrar num café, sentar-se e mandar vir uma chávena do *precioso* liquido que lá se vende. Depois de o ter tomado, acendeu um óptimo *charuto* dos de 12 por 50 reis, e pôs-se a ouvir, indiscretamente é claro, a conversa que dois burguesotes entabolaram, na mesa «pegada». Dizia um dêles:

— Com que então, o Manuel Ribeiro, o furibundo Lenine português, lá anda por Roma, em busca de subsidios *papais* para um novo livro.

— É verdade, diz o outro. Mas, aqui há grande caveira de burro.

—Não percebo...

— É fácil de perceber. Como sabes, eu estou um bocadinho chegado a esta gente de sacristia. Conheço-a como ninguêm. E, sobretudo, conheço o Nemo, o redactor principal da *Epoca*, que é o porta-voz dos jesuitas portugueses.

—E, ¿que tem isso com o caso?

—Tem muito O Nemo é uma das criaturas que só faz elogios aos adversários quando êles lhe cantam no papo. Assim, quando êle elogiou o talento e mais partes adjacentes do Manuel Ribeiro—o partidário extreme do bolxevismo em Portugal—é porque já contava com êle para as suas hostes.

— Mas, ¿não será isso um juizo temerário?

— Não é, não. Há homens que, pelo seu horror ao trabalho produtivo, não se importam de vender a consciência, esquecendo afirmações, filosofias, os seus companheiros de ontem, tudo, enfim, desde que não lhe falte o chamado prato de lentilhas. E com o Manuel Ribeiro sucedeu isto.

— Acho arriscadas as tuas afirmações...

— Ai, são? Pois então fica sabendo que o Manuel Ribeiro foi a Roma com o dinheiro do Nemo, que o mesmo será dizer —com o dinheiro da Companhia de Jesus!... Já vês que vamos ter mais um jesuita a defender-nos, e mais um jesuita a atacar os operários...

O redactor destas simples notas não pôde ouvir mais. Saiu do café; e, a meio da rua, pôs-se a filosofar:

— Os partidários da autoridade e do Estado, não passam de jesuitas, que é preciso combater tenazmente.

E, de facto: se não combatemos êsses cancros, mal vai à causa dos trabalhadores...

Que fígados!...

O sr. Trindade Coelho, plumitivo ali do *Janeiro*, dizia, conselheiralmente, num dos seus últimos artigos: *O internacionalismo, eis o inimigo.*

¿Porque é que o sr. Trindade Coelho fez aquela afirmação? Porque é patrioteiro; porque quere um exército forte; e porque quere que exista, pelos séculos dos séculos, a desigualdade social, que lhe proporciona,—a êle e aos da sua grei—uma vida de prazeres, enquanto que à grande massa que trabalha utilmente não concede nem um ôsso esburgado para chuchar.

Francamente: de há uns anos a esta parte, as Achdemias portuguesas não nos teem dado—e salvo raríssimas excepções—senão trambolhos que flanam apenas pelas regiões etéreas do reaccionarismo e do imperialismo negro e encarnado.

Como isto anda...

O país dos trusts

Dantes, o país clássico dos *trusts* era a América de Washington. Hoje, parece que é a Rússia quem lhe leva a palma. Segundo *La Vie Ouvriere*, orgão bolxevista, há nesse país, os seguintes *trust:*

Da indústria da Alimentação 63; da indústria Metalúrgica, 61; da indústria têxtil, 55; da indústria de Madeiras, 48; da indústria do Vidro, 47; da indústria dos Couros e Peles, 46; das indústrias químicas, 39; da indústria do livro, 29; das minas, 23; da Electricidade, 23; da indústria do Vestuário, 11; e da indústria do papel, 7.

Estes trusts empregam 1.146.000 operários, ou seja, 72 por cento do número total dos operários da indústria da República dos Sovietes. Sabendo-se que esta República deve ter uma população superior a 90 milhões de habitantes, e extraindo, vá lá, 10 milhões de camponeses, ¿que farão ou outros individuos que não são operários?

Provàvelmente vivem da exploração alheia, como aqui vivem os «nossos» burgueses, os «nossos» militarões, mais a chusma de malandros que fazem da politica e da madraciase um optimo emprêgo.

E o povo russo a agüentar com aquilo tudo... em nome da santa, da divina, ditadura do proletariado!

O «comunista» mais rico

O comunista mais rico do mundo é o sr. W. Bross Lloyd, de Chicágo, que possui uma fortuna calculada em 18 milhões de dólares.

Espantados com essa revelação, os membros do partido a que êle pertence tratam de o expulsar do seu seio, visto que o camarada ricaço, quando foi chamado à pedra, não se conformou com as teorias que lhe apresentaram e que se resumiam no seguinte: *pôr a sua fortuna à disposição dos companheiros.*

Vejám bem os apetites dos correligionários...

Despezas prejudiciáis

Um canhão de grosso calibre gasta, com um só tiro, mais do que uma familia operária com a sua alimentação durante um ano.

Um *drednote* custa 60 milhões de francos. Com o preço dum só dêles, poder-se-iam construir 20 mil casas para albergar 20 mil familias. E, afinal, não se pensa nisso. Tanta riqueza convertida em ferro inútil... Mas é a vontade das pátrias, e os povos não se opõem...

Um balanço

De 1885 a 1912 a paz armada custou às principais nações a *bagatela* de 555.000 milhões de francos! Essa paz armada conduziu-nos à hecatombe formidável que foi a guerra europeia. Presentemente, ainda continua a mania da paz armada. Se os povos não abrirem os olhos, onde é que ela nos conduzirá, agora?

As desigualdades democráticas

Segundo o dr. Toulouse há, em França, 666 multimilionários. E acrescenta: é nas democracias modernas onde se constata êste violento paradoxo:—os audaciosos que se servem da politica de negócios, triunfam com facilidade. E quem sofre, são os trabalhadores, porque não se revoltam nem q[illegible] terminar com estas desig[illegible]dades...

Fecho alegre

O confessor:

—¿Não teve pensamentos libidinosos desde a sua última confissão?

A confessada, córando:

—Tive, sim senhor: por causa das preguntas que o sr. padre me fez...

Núcleo J. S. de Gaia

Este organismo juvenil efectua no dia 15 de Julho uma velada Social e um sorteio de um objecto de arte. Solicitam êstes jovens o concurso de todos os que tenham facilidade em recitativos.

Conta corrente

(Mês de Junho)

RECEITA

ASSINATURAS

Importâncias recebidas directamente

Pôrto—João Timóteo Carvalho, 2$00; José da Silva, 2$00; Hercilio da Silva Carvalho, 2$20; Carlos Silva, 4$00; Francisco dos Reis, 2$85; Silverio Pacheco, 2$05; Joaquim A. Rocha, $50.

Lisboa—Fernando Brigido, 2$50. Francisco de Oliveira Guidalho, 2$50; José de Souza, 4$00; Joaquim Gomes Pereira, 2$00; Alvaro Machado, 2$500; Joaquim Eleutério, 2$00.

Abrantes—Joaquim Lopes de Sousa, 2$05; Manuel Francisco Craveiro, 2$00.

Alandroal—Tomaz Gomes, 2$30.

Aldegalega—Crispim dos Santos Gouveia, 3$10; António Alves Pacheco, 3$05; António Guerreiro, 3$05.

Benavila—João José Guerra, 2$50.

Carvalhos—José Ferreira da Costa, 5$00.

Castro Daire—Américo Duarte Costa, 4$00.

Evora—Joaquim António Fatia, 3$00; Francisco José Cascalho, 2$50.

Espinho—Horácio Tourão, 2$00.

Ficalho—De diversos por A. Soares Nogueira, 3$40.

Felgueiras—Américo Felgueiras, 3$00.

Folgosa do Douro—Manuel Teixeira Lucena, 4$90.

Golegã—Francisco Rodrigues Lucena, 2$00.

Guarda—Mário d'Oliveira, 2$50.

Grândola—Adelino Cardoso Saraiva, 2$10.

[illegible]—[illegible] [illegible], 5$00.

[illegible]—José da Jú-[illegible]

[illegible]—Miguel d'Almeida, 2$10.

Penafiel—Francisco Aires, 2$00.

Pias—José Joaquim Torrejais, Joaquim José Sargento, Romão Rasa Galinhase, António Borralho Borges, 4 a 2$10, 8$400; Manuel do Carmo Correia e José Saloio, 2 a 2$60, 5$20.

Póvoa de St.ª Iria—Leonel Corado, Pedro Ferreira Batata, Felix Cardoso e José Tarré, 4 a 5$00, 20$00.

Saboia—J. Reis Varela, 5$00.

Tojal—João Fortunato, 3$00.

Torres Novas—José Lopes dos Santos, 2$50; António dos Santos Morte, 1$00; Manuel Pala e António Touga, 2 a 2$40, 4$80; Felix Correia e Faustino Brito, 2 a 2$10, 4$20.

Vale de Vargo—Romão Sena Godinho, Alexandre Almeida Pulquério, Domingos L. Godinho, Joaquim Bento, Bento José Leite, Manuel d'Almeida Correia, José d'Almeida Santana, Fiel Baptista Machado e António Almeida Pulquério, 9 a 2$00, 18$00.

Vagos—José Franco, 5$00.

Vieira do Minho—Firmino de Azevedo, 3$00.

Vila Nova de Gaia—Agostinho Costa, 2$00.

Vila do Conde—Cobrança por A. Machado, de diversos, 13$60.

Angra do Heroismo—Ernesto M. Sousa, 5$50.

Espanha—Manuel Perez, 15$00.

França—Pedro dos Reis Pinto, 13$10.

América—J. N. Graça, 20$80; J. A. Almeida, 20$40; José Martins Júnior, 20$80; António Ferreira, 20$80.

Soma, 307$35.

Cobrança pelo correio, 564$92.

AGENTES E VENDA AVULSO

Pôrto—Venda de jornais na redacção, 5$40; Pombalino, 29$00; Brito, 7$00.

Aldegalega—José Luis dos Santos, 8$00.

Amarante—Amilcar da Silva, 5$04.

Barreiro—Alvaro Rosa, 10$00.

Coimbra—Arnaldo Simões Januário: Maio, 17$00. Junho: 50$00.

Fronteira—Associação dos Trabalhadores Rurais, 4$80.

Lisboa—Grupo «Novos Horizontes», 20$00; Correia Barreira, 2$00; Grupo «Humanidade Livre», 8$40; António Gonçalves Pina, 24$50; Cobrança de quiosques e tabacarias, 84$60.

Póvoa de Varzim—Antero Ferreira, 28$00.

Vendas Novas—José Capote, 11$20.

Brasil—Gentil da Cunha Santos, 100$00.

Funchal—José Maria de Jesus, 28$00.

Soma, 442$94.

SUBSCRIÇÃO VOLUNTÁRIA

Pôrto—José Timóteo Carvalho, $50.

Lisboa—Correia Barreira, $50; Armando Martins, 5$00; Carlos de Sousa, 5$00; José Francisco Pires, 1$05; José de Sousa, 1$00.

Areosa—Francisco dos Santos, 2$75.

Castro Daire—Mário Pereira Amador, 1$00.

Leiria—Joaquim Bernardes, $40.

Plais—José Gonçalves Amorim, 1$00.

Póvoa de St.ª Iria—José Tarré, 1$00.

Vieira—Firmino Azevedo, $60.

Cabo Verde—Augusto A. Costa, $55.

América—A. Almeida (resto de contas, $35; José Martins Júnior, 211$20; «Grupo dos 7», 111$00.

Sobras da «Comuna», 7$50.

Funchal—José Maria Jesus, $65.

Soma, 351$05.

DESPEZA

Composição dos n.os 12, 13, 14, 15 e 16	792$00
Impressão	400$00
Papel	386$75
Selos e postais	157$50
5.000 recibos e 500 circulares	42$30
Aluguer	10$00
Gratificação à mulher e rapaz da tipografia	2$00
1 chave	1$00
Lacre e papel almasso	1$50
Luz electrica	7$42
Soma	1.800$47
Défici do mês anterior	795$40
	2.595$87

RESUMO

Receita	1.666$26
Despesa	2.595$87
Déficit para o mês seguinte	929$61

CORREIO DE "A COMUNA"

LISBOA—*Ilio Pedro da Silva*. Recebemos 6$00.

S. PAIO DE GOUVEIA—*Vicente A. Saraiva*. Recebemos 5$50.

SETUBAL—*Alvaro Simões*. Recebemos 60$00.

AMÉRICA—*Eduardo Guerra*: Recebemos cheque 41$20.

LEDE

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Porta-voz da organização operária portuguesa

SCIENCIA

VULGARIZAÇÃO SCIENTÍFICA

★ ASTRONOMIA ★

(Extractos do livro de E. Amigus: «A Travers le ciel, mélanges astronómiques». Tradução livre).

(CONTINUAÇÃO)

A astronomia não é sômente uma sciência matemática. E' um corpo de doutrinas que abre novos horizontes ao espirito humano em tôda as suas complexas manifestações.

Uma verificação célebre

Suponhamos que se aplicam a corpos da mesma massa fôrças de intensidades diferentes. Quanto maior for a fôrça aplicada, tanto mais rápido será o movimento, e, mais considerável será também o número de metros percorridos no primeiro segundo. O dôbro dêste número de metros chama-se aceleração do movimento; e demonstra-se em mecânica que, quando se aplicam fôrças diferentes a corpos da mesma massa, o acelerament o dos movimentos produzidos é proporcional a essas fôrças. Este principio vái ser-nos útil.

Os físicos teem constatado de diversos modos que uma bola abandonada no vácuo em queda livre, percorre 4 metros e 89 centimetros durante o primeiro segundo. Transportemos esta bola à distância onde se encontra a lua, quer dizer, coloquemo-la 60 vezes mais longe do centro do nosso globo. Conforme com a segunda lei de Newton, como o quadrado de 60 é 3 600, a Terra atraíra a bola 3 600 vezes menos que anteriormente. Se, portanto, depois de ter transportado a bola àquele logar, a abandonam a si própria, ela cairá para a Terra muito mais lentamente que os corpos terrestres ordinários: para falar com precisão, em vez de percorrer 4 metros e 89 centímetros, no primeiro segundo da queda, ela cobrirá uma distância 3.600 vezes menor, ou seja 1 milímetro e 36 décimos do milímetro.

Por outro lado, segundo as dimensões da órbita lunar e a duração da revolução da Lua, o movimento circular do nosso satélite equivale a uma queda contínua dêste astro para a Terra, queda que é de 1 milímetro e 36 décimos do milímetro por segundo. Por outras palavras, segundo a natureza do movimento da Lua, se se fizesse parar êste astro na sua carreira para o abandonar a si próprio, ele caíria para a Terra percorrendo 1 milímetro e 36 décimos de milímetro durante o primeiro segundo de queda.

Assim a nossa bola e a Lua colocadas imoveis à mesma distância da Terra, caíriam para ela tomando o mesmo movimento. Há portanto analogia completa entre a fôrça que faz cáir um corpo terrestre e a fôrça que retem a Lua na sua órbita.

A verificação que apontamos é célebre na história da sciência.

Experimentada uma primeira vez por Newton, enganou as suas previsões. E' que as dimensões da Terra, e por conseguinte, as da órbita lunar, eram mal conhecidas, donde resultava um número falso para o tempo que a Lua caíria para a Terra no primeiro segundo de queda.

Quando Picard mediu um arco de meridiano (1) e obteve as verdadeiras dimensões da Terra, Newton voltou à sua idea. Desta vez foi bem sucedido. Conta-se que a emoção não permitiu ao grande geómetra fazer êsse cálculo, tam simples de resto, e teve de recorrer à boa vontade dum amigo.

(1) *Meridiano*: linha que divide a terra ao meio, traçada na direcção Norte-Sul e vice-versa. *Arco de meridiano:* uma parte dessa linha.

A SEGUIR:

A experiência da Torre de Pisa